

FORMAÇÃO DA INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIONAL: UMA ANÁLISE DA TEORIA DE AUGUSTO CURY SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS.

¹Isabela Manieri Valério

²Orientação: Prof. Dr. Me. Marcos Pereira Coelho

Resumo

O presente trabalho discute sobre a inteligência socioemocional na educação de crianças. O conceito de socioemocional é investigado, desde o início do século XX, no cenário internacional em diversas áreas, como economia, sociologia, educação e psicologia. No Brasil o tema ainda é pouco abordado, uma vez que se acreditava que a aprendizagem e o sucesso escolar se baseavam, predominantemente, nas habilidades cognitivas das crianças e adolescentes. O objetivo é analisar as contribuições da obra de Augusto Cury em relação a formação e desenvolvimento da inteligência socioemocional das crianças e adolescentes. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, em que foram utilizadas obras do autor em questão e de outros pesquisadores que contribuem como referencial teórico. Se concluiu que trabalhar a inteligência socioemocional nos primeiros anos desenvolve algumas habilidades, como a capacidade de trabalho em equipe, resiliência, tato social, comunicação desenvoltura e criatividade.

Palavras-chave: Educação Socioemocional. Competências Socioemocionais. Desenvolvimento emocional.

¹Graduanda em Pedagogia pela UEM. Email: ra115192@uem.br

²Doutor em Educação, na linha Filosofia e História da Educação na UNICAMP. Email: mpcoelho2@uem.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute o tema: Formação da inteligência socioemocional: Uma análise da teoria de Augusto Cury sobre a educação de crianças de 4 a 6 anos. Em outras palavras, um estudo das ideias e discussões que Cury proporcionou aos leitores sobre a formação de crianças, com direcionamento ao seu desenvolvimento emocional por meio da educação. Nesse sentido, convém salientar que as suas obras tem ganhado espaço na academia, com a publicação de teses, dissertações e artigos acadêmicos.

Diante disso, indagamos como Augusto Cury compreende as contribuições da formação e desenvolvimento da inteligência socioemocional na educação de crianças de 4 a 6 anos? Buscamos como objetivo geral identificar na teoria de Cury suas contribuições para o ensino de crianças, obtendo-as como um ponto de partida para abordarmos o problema posto e que será investigado no decorrer do trabalho.

Ao decorrer do trabalho buscamos investigar e discorrer sobre os objetivos específicos, constituídos em identificar as definições de inteligência, bem como as mudanças de abordagem; analisar a inteligência socioemocional e suas contribuições no processo de aprendizagem; compreender a importância do desenvolvimento socioemocional nas instituições de ensino, segundo Augusto Cury; analisar a relevância da inteligência socioemocional na formação das crianças. Para tanto, faremos uma pesquisa de caráter bibliográfico, realizada com base nas obras de Augusto Cury, as quais falam sobre a emoção. Analisaremos as obras físicas de Cury e investigaremos sobretudo em sites como Google Acadêmico, SciELO - Brasil e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, as quais fundamentaram a discussão deste trabalho.

Compreende-se que a inteligência com o passar do tempo tornou-se objeto de estudo. Neste processo, além da criação do método de identificação de nível de inteligência, foi possível identificar os tipos de inteligência os quais serão discutidos e apresentados neste trabalho.

As contribuições da inserção da formação da inteligência socioemocional na educação de crianças, consiste em formar adultos que desde pequenos saibam lidar

Pesquisas como: "Das emoções à arte para o desenvolvimento infantil: O desenvolvimento social/emocional e a motivação através da arte em contexto escolar no 1º ciclo do Ens. básico" - Castro (2020) e "O desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes e suas relações: desafios e possibilidades no contexto da expansão digital" - Fonseca (2020) utilizaram Augusto Cury como objeto de estudo em suas pesquisas.

com suas emoções e tenham um relacionamento saudável com a sociedade. Preparando crianças para que sejam seres criativos, que saibam trabalhar em grupo, saibam filtrar os sentimentos ruins e lidar com situações complexas. Cury ressalta em relação às instituições de ensino:

Preferiria que as escolas e universidades ensinassem os alunos a serem gestores da própria emoção e autores da própria história. Mas estamos na idade da pedra em relação à gestão da emoção, que, como estudaremos, vai além da inteligência emocional, pois envolve fenômenos que estão nos bastidores da mente humana, na base da construção dos pensamentos e no processo de formação do Eu. (CURY, 2019, p.12)

Em sua obra, o autor destaca que no século XXI, o apogeu da era digital, passamos pela idade da pedra em relação ao nosso emocional. Ressalta, “[...] se você quiser ser um educador brilhante, tem de conhecer minimamente o complexo funcionamento da mente para ser um jardineiro de *janelas light*, um artesão do intelecto, um poeta da gestão da emoção.” (CURY, 2019, p.13).

A proposta do autor objetiva proporcionar aos professores instrumentos, que quando utilizados na mediação com as crianças, possibilitem a prevenção de transtornos psíquicos e desenvolvimento do autocontrole, da liderança, gestão das emoções, e ajude a lidar com a ansiedade provocada por pensamentos perturbadores.

1. As definições de inteligência, bem como as mudanças de abordagem.

A inteligência se refere a algo relacionado ao ser humano. Como uma definição inicial, mais próxima do senso comum, recorreremos a Piaget, de acordo com o pesquisador, a inteligência é um "conjunto de operações vivas e atuantes", "uma forma de equilíbrio a que tendem todas as estruturas" (PIAGET, 1947-1977, p. 16-7). Portanto, diz respeito ao conhecimento, ao saber e à habilidade. Desta forma, uma ação será mais inteligente quanto mais evoluída forem as estruturas a ela subjacentes. Encontramos em cada ser uma habilidade diferente, alguns são hábeis em lidar com os números, outros no esporte. Há aqueles com habilidades e conhecimentos em musicalização, variando entre pessoas e outros conhecimentos.

Dentre as janelas da nossa memória, Cury define que as janelas light “correspondem a todas as áreas de leitura que contêm prazer, serenidade, tranquilidade, generosidade, flexibilidade, sensibilidade, coerência, ponderação, apoio, exemplos saudáveis. (CURY, 2013, p.67)

No decorrer do processo histórico os tipos de inteligência tornaram-se fatores que instigou a sociedade a identificar métodos que descobrissem os níveis de inteligência. Exemplo disso, foi o desenvolvimento de testes de QI (Quociente de Inteligência), por Alfred Binet em 1908, com o intuito de buscar a compreensão das causas das dificuldades no processo de aprendizagem e propor meios alternativos para que aprendessem. A intenção era averiguar a capacidade intelectual de determinado indivíduo sem, no entanto, debater a inserção cultural dessas pessoas e os desdobramentos decorrentes desse processo.

Os testes foram utilizados pela sociedade para identificar 'o indivíduo mais inteligente' bem como identificar o fracasso escolar, avaliar indivíduos, buscar respostas para comportamentos e afins. Mesmo que em alguns casos os testes fossem realizados para auxiliar no processo de aprendizagem dos indivíduos, inúmeras vezes acabavam sendo causas excludentes, fazendo com que esses fossem comparados, rotulados e ridicularizados. Smole (1999) informa que a inteligência foi e ainda é pensada como hereditária, aquela herdada pela família e que por vezes vem composta pelos termos 'mais' ou 'menos inteligente'. Segundo ela, "De acordo com essa perspectiva, cada indivíduo nasceria com uma 'quantidade' de inteligência; assim seria possível elaborar testes para qualificar e classificar as pessoas em relação a sua inteligência." (SMOLE, 1999, p. 7).

Apesar da prevalência dessa concepção sobre a inteligência, ao longo do Século XXI, a mesma foi se tornando objeto de amplos estudos. Essa gama investigativa evidenciou que a inteligência se apresenta de diversas formas, não sendo possível limitá-la ao raciocínio lógico matemático, apesar da sua importância. O conceito de Inteligências múltiplas foi resultado das investigações do psicólogo e pesquisador Howard Gardner (1943), que desenvolveu a teoria dos 7 tipos de inteligência: inteligência linguística; lógico-matemática; musical; espacial; corporal cinestésica e interpessoal. Para o autor, todos nascemos com inúmeros tipos de inteligência que podem ou não ser desenvolvidos, por isso há a importância de pensarmos não somente no ensino de maneira coletiva, mas também explorarmos o conhecimento de maneira individual, explorando o que cada ser consegue produzir de melhor, desenvolvendo as habilidades de cada um.

No livro "Múltiplas Inteligências na Prática Escolar", a autora Smole (1999) nos ajuda a compreender cada uma dessas inteligências desenvolvidas por Gardner.

Segundo a autora: a inteligência linguística se refere à capacidade de lidar com criatividade a vários tipos de linguagem, tanto de maneira oral, quanto de maneira escrita; a inteligência lógico-matemática, como o próprio nome diz, é a habilidade em lidar com o raciocínio lógico e principalmente a lidar com os problemas que envolvem números e elementos matemáticos, está diretamente ligada ao pensamento científico; a inteligência musical refere-se à música, é a habilidade em reconhecer os termos musicais, tons, timbres, temas. Pessoas com essa inteligência, tem facilidade em ver como a música é composta e produzi-las, geralmente não precisam de formação específica; a inteligência espacial é a habilidade de reconhecer, relacionar e conceituar formas espaciais. Podem estar presente em pessoas que sejam arquitetas, pilotos de Fórmula-1 e navegadores, assim como cita a autora; a inteligência corporal cinestésica é o sentido em que pode se conhecer o próprio corpo, seus movimentos, peso e suas posições. É a habilidade de ter o controle do corpo, sendo ele como um todo ou por partes. A autora cita como exemplo de pessoas com uma inteligência corporal cinestésica bem desenvolvida atores, dançarinos, cirurgiões e etc; inteligência interpessoal se refere a habilidade do ser de compreensão em relação às outras pessoas. São aquelas pessoas que tem facilidade em se relacionar com outras pessoas, compreender seus sentimentos e ações daquele momento. Geralmente, são bem desenvolvidas pessoas com inteligência interpessoal: terapeutas, professores, vendedores, etc; a inteligência intrapessoal se refere a competência de lidar com seu eu, se autoconhecer, conhece, compreende e administra seus sentimentos e faz uso de seus limites para ser impulso em suas ações. Pessoas com inteligência intrapessoal: terapeutas, líderes políticos.

Contudo, observa-se que a inteligência que desenvolve seres capazes de dominar suas emoções, seria a inteligência intrapessoal. Segundo Smole:

Inteligência intrapessoal: é a competência de uma pessoa para se autoconhecer e estar bem consigo mesma, administrando seus sentimentos e emoções a favor de seus projetos. Significa dimensionar as próprias qualidades de trabalho de maneira efetiva e eficaz, a partir de um conhecimento apurado de si próprio, ou seja: reconhecer os próprios limites, aspirações e medos e utilizar esse conhecimento para ser eficiente no mundo. Os terapeutas são um exemplo de alguém capaz de refletir sobre suas emoções depois transmiti-las para os outros; essa capacidade também aparece em líderes políticos. (SMOLE, 1999, p. 13)

Em uma sala de aula é possível encontrar diversos tipos de inteligências, alunos que dominam conceitos matemáticos, outros com inteligência espacial, inteligência intrapessoal e assim por diante. Diante disso, o professor tem o contato com a disparidade entre os alunos. O profissional neste caso deve se aproximar destes para compreender suas habilidades, identificar se há a presença de dificuldades e acompanhar seu desenvolvimento, tornando ativa a relação professor-aluno. Ignorar estas especificidades nos faz pensar em uma escola com a ilusão de que todos seus alunos são iguais, têm os mesmos interesses, as mesmas dúvidas, como se todos aprendessem da mesma forma, como se compreendessem o conteúdo apresentado de uma única maneira. A partir dos tipos de inteligências desenvolvidos e explorados por Gardner (1943), podemos observar que o perfil de uma escola com um único modelo de aluno é ilusório, nota-se que as diferenças estão presentes em todas as escolas. Diante desse contexto, o papel do professor está em explorar o que há de melhor no aluno, explorar sua habilidade, desenvolver seu campo de domínio, lapidando o aluno para que assim possa cumprir com pleno domínio sua inteligência.

Para tanto é necessário pensar na formação do profissional da educação. Em uma dissertação descrita pela mestranda Juliana de Souza Silva (São Paulo, 2012), a qual contribuirá para as discussões levantadas neste estudo, sobre a formação e o trabalho docente, sobretudo em relação aos gêneros literários de autoajuda, livros estes que trazem instrumentos, estratégias e estudos que possam e são utilizados no processo de ensino, ou seja, de certa forma trazem uma metodologia. Sabemos que, muitas vezes, este não é um gênero aceito pela academia, mas, como fato social a presença deles no cotidiano dos professores é recorrente. Talvez isso evidencie alguma lacuna na formação de professores que merece ser investigada. Nesse sentido, a mestranda ressalta:

Em suas páginas são encontradas narrativas em primeira pessoa e histórias de vida de pessoas que conseguiram superar com sucesso seus problemas. Partindo de situações cotidianas frequentemente enfrentadas pelos indivíduos os temas abordados vão desde a realização pessoal; como superar perdas; como ter sucesso profissional; como ter saúde até como lidar com os filhos ou como os professores devem lidar com seus alunos. (SILVA, 2012, p.37)

Com isso, segundo o gênero literário, o leitor que interpretar as instruções, seguir os passos e cumprir com as orientações levantadas na obra conseguirá atingir suas expectativas. Isso não significa, no entanto, que todas as respostas

sejam oportunas e validadas, mas indicam a necessidade de repensarmos as nossas práticas frente a uma educação herdeira da modernidade, que pensa o ser humano a partir da homogeneidade e não considera as potenciais diferenças.

2. Inteligência socioemocional e suas contribuições no processo de aprendizagem.

Desde meados do século XX o conceito de inteligência socioemocional vem sendo investigado no cenário internacional em diversas áreas, como economia, sociologia, educação e psicologia (CARDOSO & CASTRO, 2020). Ainda pouco analisado no Brasil, vem ganhando novos destaques (SANTOS et al., 2018). Existe uma ausência de concordância referente à nomenclatura, indicativo de pluralidade em relação a forma como o conceito tem sido avaliado e definido nos estudos (SANTOS & PRIMI, 2014).

Foi com o psicólogo Daniel Goleman que o termo socioemocional se tornou popular, porém foram Salovey e Mayer que o abordaram primeiramente. Em geral, inteligência socioemocional se refere à capacidade dos indivíduos em reconhecer as próprias emoções e as dos outros, discernir entre elas, e direcionar os próprios pensamentos e ações (VALE, 2012).

Em conformidade com Goleman (1995), inteligência socioemocional é a habilidade de assegurar o autocontrole dos impulsos, reconhecer as suas emoções e as de outros e a capacidade de automotivação. Atualmente a sociedade exige do indivíduo atitudes de autocontrole e empatia. De acordo com Salovey e Mayer (1990), citados por Goleman (1995) inteligência socioemocional compreende cinco domínios principais: autoconsciência; lidar com as emoções; motivar-se; empatia; lidar com os relacionamentos.

Em concordância Freitas e Marini (2022, p. 24) afirmam que:

O desenvolvimento das competências socioemocionais possibilita a percepção e a compreensão das emoções em si e nos outros, a adaptação emocional ao contexto em que se está inserido e o manejo funcional das próprias emoções, além do estabelecimento de relações baseadas em ajuda mútua e solidariedade, aspectos que podem ajudar a enfrentar situações de estresse.

É sabido que durante todo o tempo recebemos influências na formação dos nossos comportamentos sociais. Assim, crianças e jovens são influenciados por imposições sociais, fazendo-se necessário auxílio e suporte constantes para que

alcancem um equilíbrio entre o que são, ou sua estrutura psíquica, seu querer e o que o mundo quer que sejam sobre o que lhes é imposto.

O comportamento humano se forma a partir das peculiaridades e condições biológicas e sociais de seu desenvolvimento. O fator biológico determina a base, o fundamento, das reações herdadas, de cujos limites o organismo não pode sair e sobre as quais se constrói o sistema de reações aprendidas (VIGOTSKI, 2003, p.75).

Nesse cenário, é importante que pais e educadores estejam cientes das influências positivas especialmente, nos momentos iniciais da vida escolar. As competências socioemocionais assumem, conseqüentemente, um papel de ligação com os demais conteúdos abordados pelos professores, pois, na aprendizagem, proporcionam ambiente mais favorável à absorção do conhecimento, logo, resultando no melhoramento do desempenho dos alunos nas demais disciplinas (RODRIGUES et al., 2020).

Gertrude Driscoll (1970) em sua obra “Ajustamento socioemocional da criança”, reitera que deve incluir no dia a dia do aluno o “alimento emocional”, uma vez que os nutrientes emocionais permitem habilidades para: controlar seus desejos subjetivos, o controle externo (cobranças sociais) e o interno (pensamentos, impulsos) como também, a criança começa a perceber voluntariamente as exigências sociais na relação humana, desta forma acontece gradativamente o aprimoramento e alcança a maturidade emocional.

Para Medeiros e Moura (2020), estudos em relação à inteligência socioemocional no ambiente escolar são recentes. Estudos como os desenvolvidos por Mayer e Salovey (1997), sugerem a necessidade de se olhar as habilidades socioemocionais como ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento dos cidadãos. Elas podem proporcionar aos alunos uma melhor convivência, prudência, tomada coerente de decisões, transcendência das habilidades lógicas e o controle das sensibilidade emotivas (RODRIGUES et al., 2020).

Nesse contexto, Fonseca (2016) revela em seu artigo sobre “Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica” que:

As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e obviamente constituindo parte fundamental da aprendizagem humana. Sem dispor de funções de autorregulação emocional, a história da humanidade seria um caos, e a aprendizagem um drama indescritível, as emoções tomariam conta das funções cognitivas e os seres humanos só saberiam agir de forma impulsiva, excitável, eufórica, episódica e desplanificada. Eis a razão porque

o cérebro humano integra inúmeros e complexos processos neuronais de produção e de regulação das respostas emocionais (FONSECA, 2016, p. 35).

Em estudo conduzido por Alves (2019), cuja abordagem refere-se a “Práticas educativas: competências emocionais na primeira infância”, a pesquisadora constatou que os docentes têm grande peso no que diz respeito ao observar e colaborar com o desenvolvimento das competências socioemocionais das crianças entre 03 e 06 anos de idade. Tais competências se referem à percepção dos enigmas psicológicos, problemas familiares em casa, na intervenção dos controles emocionais, na instrução de como lidar com as relações humanas, bem como as complexidades integrais do público infantil.

Sabe-se que as mudanças familiares e sociais atuais vêm possibilitando pouco tempo de convívio familiar em decorrência da jornada de trabalho dos pais ou outras questões que envolvem pobreza e situações de risco para os infantes. Em seu conjunto, esses elementos interferem nos comportamentos dos adultos e podem interferir diretamente no emocional dos envolvidos. Com base nesses novos desafios Goleman (2012), aponta suas implicações na vida dos indivíduos e, neste caso, as experiências emocionais passaram também a ser responsabilidade da escola. Uma vez que as crianças acabam passando mais tempo na escola e chegando mais novas neste espaço de convívio, transpondo às instituições escolares esta importante incumbência: trabalhar e lidar com as primeiras emoções das crianças. Nessa conjuntura a autora Janet Gonzalez-Mena (2011, p. 55) afirma que:

O cérebro começa como uma obra incompleta de arquitetura. Ele tem possibilidades ilimitadas. O que acontece com ele nos anos iniciais produz estruturas reais que se tornam parte da construção final, sendo que a criação das estruturas é influenciada pelas emoções.

Ainda nessa mesma linha de pensamento Goleman (2001, p. 2) sugere aos professores que:

Considerem também a possibilidade de ensinar às crianças o alfabeto emocional, aptidão básica do coração. Tal como hoje ocorre nos Estados Unidos, o ensino brasileiro poderá se beneficiar com a introdução no currículo escolar de uma programação de aprendizagem que além das disciplinas tradicionais, inclua ensinamentos para uma aptidão pessoal fundamental a alfabetização emocional (GOLEMAN, 2001, p. 2)

Segundo Lévy (1999) vários são os benefícios referente às competências socioemocionais que podem ser desenvolvidos nas crianças, são eles: equilíbrio emocional/socioemocional; responsabilidade nas tomadas de decisões; autoconhecimento, autonomia e consciência social; autoconfiança e autocontrole; melhor convivência nas relações interpessoais; sujeitos compreensivos e empáticos; cooperação e autodisciplina e capacidade de esperar aquilo que deseja, cujo aspecto benéfico vão até a construção da personalidade, formando um cidadão completo para vida em sociedade.

3. A importância do desenvolvimento socioemocional nas instituições de ensino, segundo Augusto Cury.

Na história da educação as questões pedagógicas que priorizavam o desenvolvimento cognitivo foram prioritárias. Ou seja, acreditava-se que a aprendizagem e o sucesso escolar estavam baseados principalmente nas habilidades cognitivas de crianças e adolescentes. Dentro das instituições não eram valorizadas as questões socioemocionais e, frente às dificuldades concretas da estrutura educacional, o desenvolvimento do trabalho pode ser precário. Ocorre que nenhuma escola ou programa é perfeito, mas é importante problematizar e buscar soluções que busquem o desenvolvimento integral (TOUGH, 2017). Nesse sentido, a escola

[...] para garantir o seu papel, cada vez mais transdisciplinar e universal, deverá integrar um modelo de desenvolvimento do aluno mais amplo e holístico, não incidindo apenas no seu desenvolvimento cognitivo, mas também no seu desenvolvimento social e emocional (COSTA E FARIAS 2013, p. 412).

Porém, a cada assertividade é possível que as instituições de ensino encontrem sinais para aprimorar intervenções, sendo imprescindível o estudo e a busca por novos caminhos. Com isso, as habilidades socioemocionais vêm ganhando espaço. Com base no conteúdo mencionado, destacamos que algumas instituições de ensino brasileiro tem se movimentado no desenvolvimento de programas específicos para a área socioemocional.

Nesse sentido, destacamos o Programa Escola da Inteligência, proposto pelo brasileiro mundialmente conhecido, Augusto Jorge Cury, médico, psiquiatra, psicoterapeuta e escritor. O referido autor desenvolveu a teoria da Inteligência

Multifocal, que estuda sobre o funcionamento da mente, o processo de construção do pensamento e formação de pensadores. Cury (2019) propõe que a escola tenha em sua matriz curricular, um componente exclusivo para o desenvolvimento da educação socioemocional, equiparando a importância desses objetivos aos objetivos propostos nas outras áreas como português, matemática, entre outras.

Por essa razão, a escola deve integrar além das habilidades cognitivas, as competências socioemocionais ao currículo. Uma vez que a educação deve promover o desenvolvimento integral das pessoas, considerado um processo através do grupo social em que estão inseridas, sendo possível devido às interações sociais estabelecidas entre o indivíduo e os diferentes agentes que atuam como mediadores, como os professores e os pais.

Cury (2019, p. 130) entende que “educar não é adestrar animais, mas formar autores da própria história.” Imagine o cérebro de um felino, necessita de treinamentos para ter explosão muscular, observar, asfixiar a presa, e emboscar. Sem esse aprendizado os animais não sobrevivem. Nos primeiros dois anos de idade eles aprendem essas técnicas, aos sete anos está no auge de sua maturidade. Ao contrário dos felinos, o ser humano aos sete anos de idade ainda é despreparado para vida. Uma vez que nosso cérebro exige sofisticados processos de aprendizagem para que possa desenvolver habilidades tanto cognitivas quanto não cognitivas (CURY, 2015).

Sampaio (2004, p. 37) afirma: “A educação não pode restringir-se a treinamentos ou apenas informações. É necessário repensá-la e fazê-la servir à vida, à realização humana, social e ambiental”. Refletindo em como vincular as emoções com os processos cognitivos, Antônio Damásio (1996), em sua obra *O erro de Descartes*, afirma que “emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento” rompendo um paradigma da ciências, ele então apontou que a famosa frase filosófica “*Penso, logo existo*” deveria ser substituída pela frase (anti-cartesiana): “*Existo e sinto, logo penso*”.

Desta forma, passam a ser reconhecidas e valorizadas as emoções, pois estas podem aumentar a eficácia nas tomadas de decisões e nos comportamentos em situações diversas (BRANCO, 2004).

A inteligência interpessoal, que também está diretamente ligada às questões socioemocionais, nos proporciona a capacidade de trabalhar com outros indivíduos de forma colaborativa, de compreender suas emoções, estados de ânimo, motivações, trazendo a noção de empatia, e de comunicar-se bem de forma verbal e não verbal (GARDNER, 1995).

Recentemente, estudos têm investigado a relação entre o desenvolvimento socioemocional e as funções executivas, uma vez que estas habilidades são essenciais para a regulação emocional, autocontrole e competência social. Essa relação é capaz de direcionar o foco para certos estímulos, colocando o indivíduo em melhores condições de atender às demandas ou tarefas propostas (FREITAS & MARINI, 2022).

Em vista disso, para os autores acima supracitados, o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar sofrem impacto direto da capacidade de autorregulação atencional e, ademais, também são afetados pela repercussão dos ganhos na esfera socioemocional. Sobre isso Augusto Cury (2015, p. 42) enfatiza que:

O treinamento e a educação são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, imagine quanto o são para o refinamento e a expansão das sofisticadíssimas habilidades não cognitivas ou socioemocionais, como pensar antes de reagir, colocar-se no lugar do outro, expressar sentimentos, expor, em vez de impor, ideias, proteger a emoção, gerenciar a ansiedade, filtrar estímulos estressantes, trabalhar perdas e frustrações, ser resiliente, ter coerência, ousadia, autoestima, autoimagem, determinação, autonomia, enfim, ser autor da própria história.

Porém, em seus escritos Beauport (1998), enfatiza que a elaboração do processo racional contribuiu para o avanço da ciência, e é de se esperar que a elaboração do processo emocional no indivíduo, contribua para o avanço humanístico. De tal maneira, preciso ter o entendimento do que seja emoção, componente esse indispensável ao ser humano.

4. A relevância da inteligência socioemocional na formação das crianças

Nos primeiros anos de vida, nosso cérebro está preparado para aprender uma grande quantidade de coisas não naturais, devido a estrutura básica do nosso cérebro. Mas, no decorrer do processo de desenvolvimento observamos a formação de novos circuitos cerebrais que são fundamentais para o desenvolvimento integral

do ser humano. (SOISTAK, 2022). E, o espaço escolar pode ser um território privilegiado para as crianças se desenvolverem tanto intelectual quanto emocionalmente para uma relação com a sociedade e o mundo que as cercam.

Mas, o que deveria ser um fator positivo, tem se mostrado ineficiente para o processo de desenvolvimento das nossas crianças. No apogeu da tecnologia digital, estamos vivenciando a era do falecimento emocional, do esgotamento cerebral, algo vivenciado apenas em campos de batalha (CURY, 2019). “Mas onde está a guerra que travamos? Em nossa mente” (CURY, 2019, p. 10).

A popularização da internet, no final do século XX, e dos instrumentos de busca e redes sociais, no início do século XXI, a globalização das economias, as novas organizações sociais do trabalho e as exigências postas pela redesenhada sociedade humana fizeram com que as inquietações e reflexões quanto ao processo de formação humana e o papel da escola ultrapassassem definitivamente os muros das universidades e alcançassem outros setores da sociedade, produzindo novos saberes e mobilizando iniciativas de pesquisas e projetos de diferentes ordens. (ABED, 2014, p. 107).

Para poupar energia, a mente humana busca atalhos, sem saber que o trajeto de menor esforço não é o mais saudável. Nesse sentido Augusto Cury (2019, p.11) enfatiza que: “A sociedade na era das redes sociais é atroz, densa, asfixiante. Como não sabemos ter um diálogo inteligente e relaxante com os outros ou até com nós mesmos, pensamos muito, mas sem qualidade”. O triunfo das crianças e dos jovens, tanto escolar como social, depende fundamentalmente do desenvolvimento das competências socioemocionais.

Com a pandemia, as pessoas pararam ou reduziram muito o contato com outras pessoas, além de manterem o contato apenas por meio das redes sociais. O Brasil sente a necessidade de trabalhar as competências socioemocionais, uma vez que, a desconexão e a solidão desenvolvem um papel importante no aumento de casos de ansiedade, problemas de sono, uso de medicamentos e depressão (SOISTAK, 2022).

Em seus escritos os autores Soistak & Costa (2022, p. 370) assegura que:

A competência socioemocional pode ser definida como o conjunto das capacidades pessoais, manifestadas como a aptidão de pensar, lidar com as emoções, relacionar-se com outras pessoas, sentir e conviver consigo mesmo e com os outros, estabelecer e gerenciar metas de vida, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas. Tudo que abrange o autoconhecimento, a empatia, a resiliência e o espírito colaborativo. Elas podem ser vistas em nossos comportamentos e respostas usuais a

estímulos pessoais e sociais. Perseverança, determinação, empatia, autoconfiança e curiosidade de aprendizado são outros exemplos.

Nessa mesma perspectiva, Augusto Cury (2019, p. 140) afirma que: “Se crianças e jovens aprendessem desde cedo as ferramentas para desenvolver a inteligência socioemocional, a humanidade seria outra”. Portanto, é importante que as crianças em seus primeiros cinco anos de idade iniciem o desenvolvimento dessas habilidades, pois, é fundamento da competência social e estão ligadas ao bem-estar emocional. A deficiência desse desenvolvimento afeta a capacidade das crianças em se adaptarem nas escolas e de criarem relacionamentos bem-sucedidos durante a vida. É ainda nos primeiros anos de vida que o desenvolvimento do cérebro ocorre de forma mais flexível, serão essas primeiras experiências vivenciadas que servirão de estrutura para a construção do conhecimento e da emoção.

No entanto, é importante mencionar que é no ambiente familiar que se inicia os primeiros contatos com desenvolvimento emocional, é nesse ambiente mais íntimo que a criança tem os primeiros contatos com o como sentir-se em relação a si mesma, como será a reação dos outros para com os seus sentimentos; aprende-se como avaliá-los e como reagir a eles; entendendo como interpretar e expressar expectativas e medos (GOLEMAN, 2001).

Em uma sociedade como a nossa, em que os alunos passam, desde a mais tenra idade, várias horas de suas vidas na escola (tempo que está sendo ampliado, no Brasil, com a implantação da jornada de tempo integral e a obrigatoriedade do ingresso na escola aos quatro anos), cabe pensar no papel do ambiente escolar na promoção da saúde mental e física dos estudantes. Uma “escola suficientemente boa”, com “professores suficientemente bons” (parafraseando Winnicott) é uma alternativa institucional para combater os revezes decorrentes de condições familiares e sociais marcadas por carências afetivas, alimentares, materiais, muitas vezes envolvidas em violências de diferentes tipos e graus. (ABED, 2014, p. 112)

Desde a primeira idade o ser humano está em um processo permanente de construção, investir em uma educação de qualidade é garantir que as crianças de hoje, serão os adultos de amanhã com mentes socioemocionalmente livre, criativas, com lucidez suficiente para aprender com suas falhas, superar, ter autocontrole e segurança para lidar com seus medos. Ter segurança para receber críticas, ainda que injustas, estar pronto para recomeçar quantas vezes for capaz (CURY, 2019).

Desta forma, Goleman (2001) propõe às escolas uma estratégia de Educação Socioemocional, cujo objetivo não é inserir uma nova série, mas conciliar aprendizados sobre sentimentos e relacionamentos com as outras matérias. Os conhecimentos emocionais podem concordar naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais e além de outras disciplinas-padrão. Podendo ser empregada técnicas de como afastar a distração até nas disciplinas de cálculos, controlar os impulsos para poder acompanhar o ensino, o que pode contribuir significativamente para aquisição dos conteúdos escolares e aprender a movimentar-se para melhor estudar.

Portanto, uma escola que pensa além de suas paredes, pode proporcionar a seus alunos uma educação com inteligência socioemocional, capaz de gerar a cada indivíduo segundo Augusto Cury (2019, p. 142)

Noções de ética, responsabilidade, empreendedorismo, liderança e socialização, mas também as habilidades mais importantes para um aluno prevenir transtornos psíquicos, desenvolver autocontrole, ser líder de si mesmo, gerir suas emoções, administrar a ansiedade, ter resiliência e ser advogado de defesa da própria mente contra pensamentos perturbadores.

Contudo, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais pode ser traduzido como o fortalecimento das inteligências interpessoal e intrapessoal, contribuindo significativamente nos conhecimentos educacionais e nos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o estudo realizado, contemplamos a relevância que o desenvolvimento das competências socioemocionais dispõe para o processo de ensino aprendizagem das crianças. Com os avanços tecnológicos e as mudanças culturais, a sociedade tem passado por um processo de transformação do qual nem todos estão preparados para lidar, desenvolvendo uma sociedade diferente do que se via há anos atrás.

Desta forma, a educação precisa trabalhar para desenvolver o indivíduo de forma integral. A escola precisa oferecer uma educação que contemple todos os aspectos: intelectual, afetivo-emocional, social, físico-motor e biológico. Uma vez que, as escolas estão recebendo crianças e jovens com outras perspectivas, outras habilidades, muito mais imediatistas, mais críticos e com maneiras muito diferentes de aprender.

Com esse estudo, nota-se a importância de se aprender a gerenciar as emoções desde a infância, contribuindo para um desenvolvimento de forma integral do ser humano, sendo o ambiente escolar propício para isso. Para se obter resultados satisfatórios é necessário que haja um trabalho simultâneo entre o corpo docente, alunos e pais, pois ao se conscientizarem da importância de se trabalhar a inteligência socioemocional nos primeiros anos, podem tornar o desenvolvimento de competências emocionais algo mais real, visando a formação de indivíduos saudáveis emocionalmente.

Diante das grandes mudanças que o mercado de trabalho vem enfrentando, as escolas muitas vezes estão preparando a criança e o jovem para profissões que ainda não existem. Portanto, o desenvolvimento de algumas habilidades não-cognitivas como a capacidade de trabalho em equipe, resiliência, tato social, comunicação, desenvoltura e criatividade, é essencial para que seja possível no futuro adaptar-se facilmente à nova realidade. Entende-se, que a Educação Socioemocional tem por objetivo ensinar a gerir emoções de forma assertiva e deve ser desenvolvida ao longo de toda a vida, sendo uma metodologia que desenvolve competências.

Finalizando, foi possível compreender as contribuições do desenvolvimento da inteligência socioemocional de crianças, compreendendo que com esse desenvolvimento é possível promover habilidades emocionais para que as crianças saibam atuar em sociedade, se tornando seres hábeis emocionalmente, mais criativos, com desenvoltura e capacidade de trabalho em equipe. Através do estudo da teoria de Cury, observamos seu interesse em estudar uma sociedade para o futuro, compreendendo as contribuições de autores citados neste trabalho, observamos a importância em desenvolver nas instituições educacionais o ser como um todo, inclusive, sua habilidade socioemocional .

REFERÊNCIAS

ABED, Anita. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.

ALVES, Vânia Carina Teniz. **Práticas educativas e competências emocionais na primeira infância.** Tese de Doutorado, 2019.

BRANCO, A. V. **Competência emocional: um estudo com professores.** Coimbra: Quarteto, 2004.

BEAUPORT, E. **Inteligência Emocional: as três faces da mente.** Brasília, DF: Teosófica, 1998.

CARDOSO, A. S. CASTRO, . G. De. **Análise conceitual da expressão “socioemocional” em artigos de psicologia.** *Psicologia da Educação*, 51, p. 31-41. 2020.

CASTRO, Sara F. M. F. de. **Das emoções à arte para o desenvolvimento infantil: o desenvolvimento social/emocional e a motivação através da arte em contexto escolar no 1º ciclo do ensino básico.** Dissertação (Mestrado em ensino de inglês) - Instituto Politécnico do Porto (Portugal), Porto/PT, 2020.

COSTA, Ana. FARIA, Luísa. **Aprendizagem social e emocional: Reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa.** *Aná. Psicológica* [online]. 2013, vol.31, n.4, pp. 407-424. ISSN 0870-8231.

CURY, Augusto. **Gestão da Emoção: Técnicas de coaching emocional para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e criativa.** 1. ed. Bela Vista - São Paulo - SP: Benvirá, 2015.

CURY, Augusto. **Inteligência Socioemocional: Ferramentas para pais inspiradores**

e professores encantadores. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DRISCOLL, Gertrude, P. **Ajustamento socioemocional da criança**. Livro técnico S. A. Rio de Janeiro, 1970.

FONSECA, Hellen. **O desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes e suas relações: desafios e possibilidades no contexto da expansão digital**. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, Ipameri/GO, 2020.

FONSECA, V. Neuropsicologia: cérebro, corpo e motricidade. **Rev Psique: Ciência Vida**. 123 (dossier: Enigmático Cérebro), 2016.

FREITAS, B.I; MARINI, A. H. **Aprendizagem Socioemocional e Atenção Plena no contexto escolar brasileiro**. 2ª edição - Porto Alegre/RS Editora Gênese, 2022.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente - A teoria das inteligências múltiplas**. 1ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional – A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GONZALEZ-MENA, Janet. **Fundamentos da educação infantil: Ensinando crianças em uma sociedade diversificada**. 6 Ed. Porto Alegre: 2011.

LÉVY, Pierre. **Tradução de Carlos Irineu Costa.** Cibercultura. São Paulo, 34, p. 272. 1999.

MAYER, J. D., & SALOVEY, P. **What is emotional intelligence?** In P. Salovey & D. Sluyter (Eds.), Emotional development and emotional intelligence: implications for educators, p. 3–34, Basic Books, 1997.

MEDEIROS, Karilene Ádria Silva de; MOURA, Karidja Kalliany Carlos de Freitas. Contribuições da educação emocional para o desenvolvimento do estudante/Contributions from emotional education to student development. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 34842-34849, 2020.

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência.** La ed. 1947. trad. N. C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

RODRIGUES, F. A ; CARVALHO S. S. De ; MELO A. S. A. De S. Alfabetização das Competências Socioemocionais na Educação Infantil: Habilidades para a Vida. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* V.14 N. 54, p. 150-170, Dezembro, 2020.

SAMPAIO, D. M. **A pedagogia do ser:** educação dos sentimentos e dos valores humanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, D. PRIMI, R. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar:** uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. Relatório sobre resultados preliminares do projeto de medição de competências socioemocionais no Rio de Janeiro. São Paulo: OCDE, SEEDUC, Instituto Ayrton Senna, 2014.

SANTOS, M. V. SILVA, . F. da. SPADARI, G. F., & NAKANO, . de C. Competências socioemocionais: análise da produção científica nacional e internacional. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(1), 4-10, 2018.

SILVA, Juliana de Souza. **Formação e o trabalho docente:** um estudo das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. Caderno da TV escola. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, 1999.

SOISTAK, M.M; COSTA, A.C. A contribuição da disciplina positiva na construção de estratégias para nutrir a mente em desenvolvimento das crianças. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 6, p. 357 - 383, 1, 2. Sem. 2022.

TOUGH, P. **Como ajudar as crianças a aprenderem**: o que funciona, o que não funciona e por quê; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 1º ed., Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

VALE, Vera Maria Silvério do. **Tecer para não ter de remendar**. O desenvolvimento socioemocional em idade pré-escolar e o programa Anos Incríveis para educadores de infância. 2012.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**: edição comentada. trad. SCHILLING, Claudia. Porto Alegre: Artmed, p. 75-104, 2003.